

VISÃO DO CORREIO

É urgente conter as mortes de motociclistas

Há uma perigosa barreira prestes a ser ultrapassada no Distrito Federal. Nos oito primeiros meses do ano, 68 motociclistas perderam a vida nas pistas da cidade. É praticamente o mesmo número de vítimas registrado durante todo o ano de 2023 (com 69 óbitos) e um cenário muito próximo do de 2024 (com 74 mortos). Com sucessivos fins de semana de trânsito violento, não é exagero afirmar que 2025 ficará marcado como um dos períodos mais fatais para quem dirige sobre duas rodas.

Essa realidade se repete pelo país. Segundo o Atlas da Violência 2025, o número de mortes em acidentes de motocicletas subiu 12,5% em um ano — de 12 mil em 2022 para 13,5 mil em 2023. Considerando os feridos — que, também em 2023, foram 28,4 mil —, não restam dúvidas de que se trata de mais um cenário de guerra que desafia gestores públicos e ameaça o futuro das jovens gerações.

Dados do Sistema Único de Saúde (SUS) mostram que a maioria das vítimas são homens, com 20 a 24 anos, que recorrem às motocicletas para trabalhar. Sofrem acidentes enquanto atuam na informalidade, correndo contra o tempo para se beneficiar da lógica de que a renda depende da quantidade de entregas. Muitos dos que escapam precisam se adaptar às sequelas permanentes — quase 70% ficam com déficit motor e 35% são submetidos a amputações, segundo levantamento da Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia (SBOT) —, agravando o estado de vulnerabilidade.

Ao **Correio**, o doutor em segurança em trânsito David Duarte definiu o quadro como “quase desesperador”. “Para cada morte, temos 15 motociclistas que ficam com lesões irreversíveis (...), com o que se chama invalidez permanente, e vão ser amparados

pelo INSS. É uma guerra em que você tem mortos, mutilados e desvalidos.” Entre as medidas para evitar as tragédias, o especialista indica reduzir e controlar a velocidade em áreas urbanas, facilitar que as pessoas tirem a carteira de habilitação e melhorar os cursos de treinamento de motociclistas.

Educar pelo fim da hostilidade que toma conta de ruas e estradas do país também parece medida eficaz. A legislação deixa claro que a segurança no trânsito é responsabilidade de todos, com os motoristas de veículos de maior porte protegendo os menores, e os motorizados, os não motorizados. Na realidade do asfalto, porém, acidentados são deixados para trás, condutores se agriem e até se comemora quando há desfalecidos.

Para além de conscientizar os condutores, as cidades precisam se ajustar à nova configuração das frotas — um em cada três municípios brasileiros já tem mais motos do que carros em circulação, e a tendência é de que esse número aumente. Nesse sentido, a implantação de sinalizações para que motociclistas trafeguem com mais segurança, a chamada faixa azul, mostra-se efetiva em São Paulo, com redução de 47% de mortos nos três primeiros anos de uso.

Há ainda o desafio de incluir a regulamentação dos ciclomotores — a partir de 2026, motos elétricas e outros veículos do tipo terão que circular nas pistas de rolamento e guiados por pessoas habilitadas — e o de mitigar os efeitos das mudanças climáticas — temperaturas e alagamentos extremos são ainda mais perigosos para quem trafega sem carroceria. Em discussão, o Programa Nacional de Segurança de Motociclista pode ajudar a conter as mortes sobre duas rodas considerando essas e outras medidas. Precisa, o quanto antes, sair do papel.



RONAYRE NUNES
ronayrenunes@dabr.com.br

Quando o veneno tem um sabor doce

Hoje completa uma semana desde a megaoperação no Rio de Janeiro. A esta hora, na semana passada, o país assistia a uma das maiores cenas de violência e terror da história recente. Sempre que um grande fato ocorre, o tempo costuma servir como lente para compreender o que, afinal, ele significou. Passados sete dias desde o caos, parece que parte da nação se deixou levar pelo doce sabor de um veneno destrutivo.

Aquele horror de ver tantos corpos esticados em uma praça pública — cena registrada no dia seguinte à operação, na última quarta-feira (29/10), após moradores recolherem mortos de uma área de mata entre os complexos da Penha e do Alemão — parece já ter ficado para trás. Depois do choque inicial, as mortes foram reduzidas a mais um duelo entre apoiadores e críticos da ação policial.

Assim como ocorreu no período eleitoral, pouco se discutiu sobre políticas públicas ou soluções reais. A pergunta que dominou o debate foi outra: “você está do lado da esquerda ou da direita?”. Difícil entender a origem de tanta superficialidade diante de questões tão complexas. As redes sociais, claro, ajudam a consolidar essa pobreza de argumentos e posições. Mas isso é assunto para outro texto.

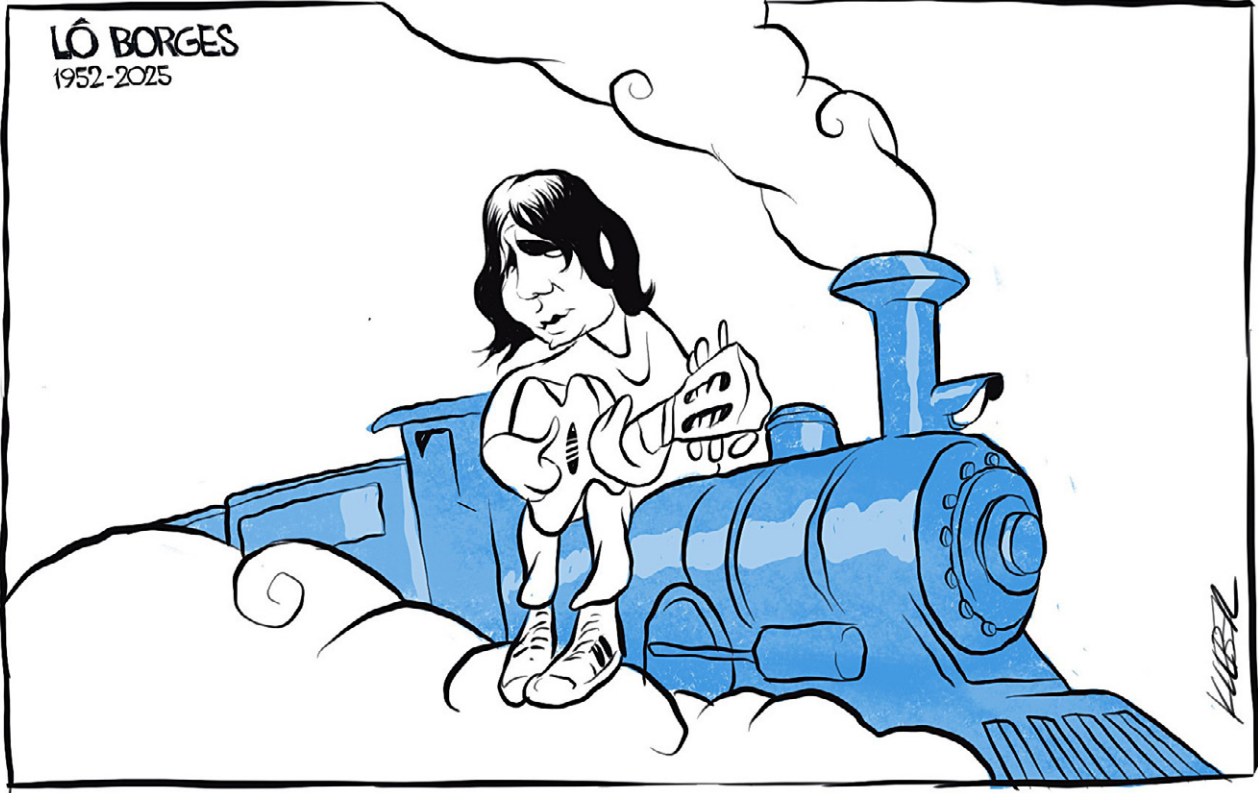
Evito falar por outros, mas desta vez peço licença para afirmar algo simples: ninguém é a favor da criminalidade. Não importa a posição política, a renda ou sua região do país. A maior parte dos brasileiros é profundamente contrária ao crime e à violência que assolam os grandes centros urbanos.

Nas últimas semanas, porém, essa posição que parecia óbvia foi distorcida. Isso porque as mais de 120 pessoas mortas na operação eram apresentadas como supostos criminosos. O estado de exaustão do brasileiro em relação à segurança pública — ou melhor, à ausência dela — acabou se tornando combustível para uma lógica perigosa: a de justificar e apoiar mortes em nome de um suposto “alívio”.

Todos os dias ouvimos relatos de violência ao nosso redor. Um amigo roubado, um familiar que teve a casa invadida, o vizinho que teve o carro levado de madrugada. Histórias se acumulam, e a violência virou algo que “faz parte”. Outro dia, um colega comentou que usa “celular de ladrão”: um modelo antigo, que ele considera “roubável”. Um absurdo cada vez mais naturalizado.

Para alguns, as mortes na megaoperação parecem oferecer uma sensação de vingança e de controle — como se fosse possível “matar” o crime. Mas trata-se de uma ilusão. Uma válvula emocional, não uma solução.

É como beber algo que parece doce, mas é veneno. Num primeiro momento, pode trazer sensação de alívio. Porém, aceitar execuções sumárias como resposta à insegurança não nos aproxima de um país mais seguro — apenas nos afasta ainda mais da ideia de justiça. Não existe paz construída sobre corpos. Não existe futuro erguido sobre a crença de que vidas podem ser sacrificadas sem processo, sem voz, sem nome. Segurança não nasce do silêncio imposto pela morte.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

O bem e o mal

O presidente da República, em didático discurso, afirmou que é preciso acabar com a polarização entre o bem e o mal. Essa oposição entre o bem e o mal é a essência da Terra, que é um planeta de expiação, não um mundo ideal. A provação dos seres que vêm habitá-lo temporariamente é exatamente filiar-se a um dos lados, sendo o bem a gratidão, o altruísmo, a bondade, a tolerância, o perdão, o amor, a fidelidade à verdade; e o mal, a mentira, a desonestidade, a corrupção, a vingança, a perseguição, a perversidade, a injustiça, a delinquência, o ódio. O mal é mais atraente e mais fácil de seguir, mas nessa escolha está o aprendizado de cada um no tempo de sua vida e na formação do seu currículo do qual deverá prestar contas ao se encerrar seu mandato neste ínfimo ponto azul do Universo. Faltou o presidente convocar as pessoas a passarem todas para o lado do bem ou todas para o lado do mal, a fim de eliminar a polarização e todos se tornarem companheiros. Para que lado o presidente tenderia a conduzir as pessoas?

» **Roberto Doglia Azambuja**
Asa Sul

Marginalidade precoce

A reportagem *Crimes evidenciam marginalidade precoce* (CB, pág. 3, de 4/11), mais do que ser um alerta, deveria ser um desafio às autoridades dos Três Poderes, tanto locais quanto federais. As crianças não nascem marginais, com índole assassina, racistas, misóginas, preconceituosas entre muitos outros comportamentos deploráveis. O comportamento dos familiares e os locais que frequentam são exemplos para meninos e meninas e se transformam em bagagem que levam para todos os ambientes que frequentam, entre eles, a escola. Há quem diga que a educação cabe aos pais dar a seus filhos, mas muitos adultos não têm o que oferecer, pois nada receberam na infância e na adolescência. Repassam aos filhos o relacionamento que com seus pais. Mudar essa amarga e letal realidade exige empenho do poder público, e não é a violência dos agentes de segurança que fará essa transformação.

» **Alfredo Gomes**
Paranoá

Consórcio da paz

Com a finalidade eleitoreira rasa como única justificativa, seis governadores de Estado resolveram dar apoio

ao colega do Rio de Janeiro. Para tentar iludir ainda mais o eleitorado, fingiram ter um plano para combater as organizações criminosas que existem dentro dos seus estados e não são incomodadas pela segurança pública. O plano chamado de “Consórcio da Paz” inexistiu no papel, ninguém conseguiria analisá-lo, visto que ele é uma peça de ficção. Para aumentar ainda mais a cena farsesca, falam em voz alta que essas organizações criminosas deveriam ser enquadradas como terroristas. Tudo é visando à eleição de 2026, jogo de cena, farsa pura. Basta ver o que estamos vivendo em São Paulo, onde faltam 37 mil no efetivo das polícias Civil, Militar e Rodoviária sem que Tarcísio se preocupe. O problema deles é Lula, não a segurança da sociedade.

» **Rafael Moia Filho**
Bauru (SP)

Transporte perigoso

Tragédia à vista. A absurda irresponsabilidade praticada pela empresa Tagatur, que atende Águas Lindas de Goiás, foi desmedida. Alguns cobradores que atuavam em determinados horários foram demitidos. Agora, pasmem, foi criada a função “motocobra”: o motorista do coletivo desempenha, ao mesmo tempo, o papel de cobrador. Já foi constatado motorista passando o troco com o ônibus em movimento. Trata-se de uma atrocidade diante da colocação em risco a vida dos passageiros. Não há fiscalização por meio da Agência Nacional de Transporte Terrestre (ANTT) e Polícia Rodoviária Federal (PRF). Outra grave transgressão: a parte destinada aos assentos “preferenciais” localizados na parte da frente do coletivo; como são só três assentos, todos os demais passageiros que entram ficam amontoados em pé. Se houver uma frenagem emergencial ou colisão, todos serão jogados contra o parabrisa. Um absurdo, em plena rodovia passageiros idosos, deficientes e com problemas de mobilidade sendo transportados dessa forma. Segundo informações obtidas, o motorista cumpre ordens da gerência da empresa para não abrir a porta de trás, sendo que, pela lei, todos os assentos são preferenciais. No Distrito Federal, as empresas abrem a porta de trás para o acesso dos preferenciais. A Tagatur está aguardando uma tragédia para tomar as devidas providências ao que determina as normas de trânsito, principalmente em rodovias?

» **Renato Mendes Prestes**
Águas Claras

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

A MPB perdeu um dos seus ícones. Deixou seu legado. Música de qualidade. Lô Borges, inesquecível em nossos corações. Sua música viverá para sempre!

José Ribamar Pinheiro Filho — Asa Norte

“Consórcio da Paz: 121 corpos já foram contemplados no primeiro sorteio. Agora, é só ficar de olho no lance...”

Vital Ramos de V. Júnior — Jardim Botânico

O DER local é uma piada: simplesmente libera uma via reformada sem a pintura horizontal. É muito amadorismo ou falta de conhecimento de quem liberou.

Sebastião Machado Aragão — Asa Sul

Trump sugere desarmar o Hezbollah e o Hamas. Em contrapartida, que tal desarmar também as Forças de Israel?

Itiro Iida — Asa Norte

Adolescentes no mundo do crime: Maioridade penal deve ser discutida pela sociedade, apenas tem que haver equilíbrio e responsabilidade.

Abraão F. do Nascimento — Águas Claras

As facções oferecem o que a sociedade nega: identidade, proteção e propósito. Assim, o crime se torna referência de pertencimento entre os jovens porque o Estado falha em oferecer alternativas inclusivas.

Pacelli M. Zahler — Sudoeste

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA			ASSINATURAS*	
Localidade	SEG/SÁB	DOM	SEG a DOM	
			R\$ 1.187,88	
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00	360 EDIÇÕES	
			(promocional)	
Assine				
(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp				
*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.				
Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 99158.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.				
Anuncie				
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp				
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp				
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp				

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A. Press.
Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS D4

D.A. Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF;
de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br